

Qual preço você pagaria?

MARIA RITA KEHL

Folha de S. Paulo, 2.3.09

É fácil julgar fatos passados pelas lentes já estabelecidas pela posteridade, sobretudo quando os vencedores estão do lado, digamos, do bem

UMA RECENTE polêmica com o crítico Marcelo Coelho acerca do pessimismo me fez prestar atenção nos textos do colunista Luiz Felipe Pondé. Na réplica a Coelho, Pondé reivindicou para si o pessimismo de Franz Kafka -o que me pareceu um tanto desmedido. Na segunda-feira passada (23/2), a crônica "O quarto" me levou a pensar novamente sobre o pessimismo e o paradigma ético que ele encerra.

Ao evocar o julgamento da ex-guarda da SS no filme "O Leitor", o colunista convida seus próprios leitores a se colocarem na pele da personagem de Kate Winslet quando pergunta aos juízes: "No meu lugar, o que você faria?". O crime em questão não era o de ter se alistado na Gestapo "por precisar de emprego", mas o de ter trancafiado 300 prisioneiras judias dentro de uma igreja em chamas para impedi-las de fugir. "Meu dever era manter a ordem", responde a personagem. No lugar dela, o que você faria?

A questão é tão fundamental quanto irrespondível. Hoje, seríamos todos resistentes; seríamos todos heróis. É fácil julgar fatos passados através das lentes já estabelecidas pela posteridade, sobretudo quando os vencedores estão indiscutivelmente do lado, digamos, do bem. Mas se você estivesse lá, no olho do furacão, sem entender direito o que se passava, o que teria feito? Do lado das vítimas (para neutralizar um pouco a questão), quantas famílias judias tiveram oportunidade de deixar a Alemanha e não o fizeram, incapazes de imaginar a que ponto o mal que as ameaçava poderia chegar?

Mas houve um momento em que se tornou impossível ignorar a radicalidade da política de extermínio de Hitler. Então, a opção pela neutralidade deixou de existir. Cada cidadão não-judeu que optasse pelo conforto moral de pensar "isso não é comigo" sabia ser coautor dos assassinatos de seus concidadãos. Para entender isso é preciso, como escreveu Susan Sontag em seu livro "Ao Mesmo Tempo" (Companhia das Letras, 2008), "se transportar mentalmente para um tempo em que a maioria das pessoas aceitava que o curso da vida delas seria determinado mais pela história do que pela psicologia, mais pelas crises públicas do que pelas particulares".

Façamos de conta que esse tempo passou; que hoje as grandes questões éticas podem e devem ser decididas a partir dos parâmetros exclusivos da vida privada. A isso nos convida Pondé, ao descrever a vida de uma inocente família alemã que escondia judeus num quarto da casa. Para apelar aos valores que nos são mais caros hoje, Pondé descreve o drama familiar aos olhos da criança da casa, que não entende porque o pai a

estaria submetendo ao desconforto, ao perigo, ao mau cheiro que exalava do misterioso quartinho fechado. Pondé cita uma pesquisa em que adultos que passaram por situações parecidas na infância afirmaram ter imaginado que seus pais não os amavam, pois, se os amassem, não os teriam colocado em risco por causa de estranhos.

A resposta demonstra até que ponto a vida se privatizou e a família tornou-se o único valor indiscutível aos olhos da maioria. Quando os filhos se tornam o único ideal de seus pais, estes não têm nada a lhes transmitir. A não ser, talvez, um "sejam felizes". A qualquer preço? Avancemos um pouco mais na perspectiva da criança: como viveria mais tarde o adulto cujos pais enviaram vizinhos e conhecidos para a câmara de gás por amor a ele? Como suportaria gozar a vida após isso? Quanto cinismo seria preciso mobilizar para seguir vivendo indiferente às consequências dessa escolha?

Se só se pode julgar a história pela lente da história, sabemos hoje que a indiferença pelo destino dos não-familiares e a escolha de cuidar da própria vida -ignorando a dos outros- têm um nome: cumplicidade criminosa. Foi essa pretensa neutralidade, ao preço de uma brutal desidentificação com a condição humana, que instalou na Alemanha o que Hanna Arendt chamou de "banalidade do mal". O pessimismo de Kafka advém de não querer ignorar do que as pessoas são capazes; do que a indiferença subserviente é capaz. Nada a ver com o suposto pessimista que não crê em nada para se manter mais ou menos de acordo com tudo. Esse é o mal do século 20 (e 21), que Walter Benjamin batizou de fatalismo melancólico.

Ninguém escolhe a época em que lhe coube viver. Cada uma delas tem um preço. No caso do Holocausto, os inocentes que sobreviveram para um dia se queixarem "meu pai não me amava porque protegeu estranhos" devem saber que, naquelas condições extremas, pagaram um preço baixo.

MARIA RITA KEHL, 57, psicanalista e ensaísta, é autora, entre outras obras, de "Ressentimento" (2004).

O quarto

LUIZ FELIPE PONDÉ

Folha de S. Paulo, 23.2.09

Sua mãe, transtornada, abre o quarto maldito, escuro e fedorento, uma vez por dia

ESTAVA eu sentado na estação de trem de Lille na França em 1996. Lia a resenha de um livro que não lembro o nome, nem o nome do autor, sobre filhos das pessoas que salvaram vidas "inimigas" dos nazistas na Europa. A pergunta da pesquisa era: como se sentiam os filhos de quem escondia judeus em casa? Por que correr o risco? Uma pergunta semelhante, posta de outra forma, é feita pela personagem interpretada por Kate Winslet no filme "O Leitor". Reconhecida, presa e julgada, já nos anos 60, por ter trabalhado no extermínio nazista, escolhendo operárias "já fora de uso" para a morte

(300 vítimas), ela é condenada. Quando o juiz pergunta, "Por que você fez aquilo?", ela responde com outra pergunta: "O que o senhor teria feito no meu lugar?". Silêncio.

Imagine que você é uma criança de dez anos. Mora em Paris em 1943, e ouve passos na escada de seu prédio. Seu pai esconde uma mulher judia e duas filhas em um dos quartos da pequena casa em que mora você, ele, seus dois irmãos, sua mãe e sua avó. Você percebe que a cada ruído de passos, sua mãe e avó estremecem, e também seus irmãos mais velhos. Um enjoo sobe em seu estômago. É comum você ouvir brigas entre seus pais. Sua mãe costuma acusá-lo de "não amar a família e de ser um irresponsável".

Esta era uma resposta comum dada pelas crianças entrevistadas à pergunta: "Como se sentiam quando seus pais escondiam judeus?". "Sentia que meu pai não nos amava, pois, se nos amasse, ele não nos colocaria em risco por causa de pessoas estranhas". Com o passar do tempo, você percebe que as outras crianças na escola não parecem viver em pânico como você. Em casa, seus pais pouco falam um com o outro. Sua mãe, transtornada, abre o quarto maldito, escuro e fedorento, uma vez por dia, para colocar, em latas, a comida e a água para aquelas indesejadas. Elas devolvem outras latas, com seus excrementos. O cheiro de restos humanos enche o ar da casa. Sua mãe, com raiva, jura que vai entregá-las à polícia. Um dia, você ouve sua avó dizer para sua mãe: "Por que você tem que obedecê-lo? Sempre disse pra você que ele era um idiota".

Um dia a pressão piora, sua mãe começa a bater em seu pai. Gritos. Os vizinhos batem na porta. Uma vizinha, desconfiada, passeia pela casa. Seu pai mergulha no silêncio do qual não sairá mais. Um dia, quando volta da escola, sua mãe, sua avó e a vizinha conversam em voz baixa. Boatos corriam que pessoas que entregavam judeus à polícia ganhavam simpatias e dinheiro. Um dia, no meio da noite, soldados chegam à sua casa. Em meio à confusão, as fedorentas e esfarrapadas, além de seu pai, são levados embora. Nos dias seguintes, pouco se fala. Sua mãe e avó, com o tempo, voltam a sorrir à mesa. A conversa trivial retoma o cotidiano. Ninguém fala do seu pai. Seu nome cai sob proibição. Depois de alguns meses, a tranquilidade volta ao lar.

No filme "O Leitor", a condenada diz que foi trabalhar para a SS porque precisava do emprego. Um dos estudantes de direito que assiste ao julgamento acusa seus compatriotas de fazerem um "show de justiça" às custas das assassinas pegas, a fim de se passarem por inocentes. Como não saber que grande parte daqueles juízes tinha idade para estarem vivos e atuantes no período nazista? A hipocrisia é parte da "justiça social".

A correspondente de guerra Martha Gellhorn, no seu magistral livro "A Face da Guerra" (Objetiva), conta que, ao chegar à Alemanha em 1945 com o exército aliado, só encontrou alemães antinazistas. Onde estavam os nazistas? Você se lembra que, em 1945, na chegada dos aliados a Paris, sua mãe, avó e vizinha levaram você e seus irmãos, com bandeiras americanas, para as ruas, comemorando a libertação de Paris. Em um desses passeios, as "heroínas" que trouxeram de volta a tranquilidade para sua casa participam da humilhação pública de mulheres que teriam sido amantes dos alemães. Suas cabeças são raspadas, elas fedem a urina e fezes, e os patriotas franceses cospem nelas. Na sua ignorância infantil, por um momento, você acha aquelas mulheres parecidas com as fedorentas e esfarrapadas que moraram em sua casa. Além do fedor, a semelhança está no fato que todo mundo parece concordar que elas merecem morrer. Hoje à noite, caro leitor, quando você estiver deitado em sua cama e ninguém estiver

ouvindo seus pensamentos, se pergunte: "O que eu faria se tivesse um quarto desses em minha casa?".

luiz.ponde@grupofolha.com.br